



CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO PARA ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: UMA EXPERIÊNCIA PARA ALÉM DA SALA DE AULA

CONTRIBUTIONS OF THE NON-COMPULSORY INTERNSHIP TO PEDAGOGY STUDENTS: AN EXPERIENCE BEYOND THE CLASSROOM

Alan Leite Moreira
Ana Paula Furtado Soares Pontes
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo analisar as contribuições do estágio não obrigatório para a formação de estudantes de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. Este foi realizado em setores/projetos dessa Instituição onde os estagiários desenvolveram atividades não diretamente relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem. Procedeu-se, primeiramente, com uma revisão bibliográfica e documental e um estudo exploratório na Instituição. Em seguida, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a gestora da Coordenação de Estágio da Universidade, com os supervisores/orientadores de estágio e com os estagiários. O tratamento desses dados se deu por meio da análise de conteúdo. Considerou-se que apesar das lacunas, esta experiência contribui tanto para a Instituição, quanto para a permanência do estudante no curso de Pedagogia e para a sua formação, sobretudo, nas áreas da gestão e da pesquisa, articuladas também à docência.

Palavras-chave: Pedagogia. Estágio curricular. Gestão Educacional.

Abstract

The present work aimed to analyze the contributions of the non-compulsory internship to the training of Pedagogy students of the Federal University of Paraíba. It was fulfilled in sectors/projects of this Institution where the interns developed activities not directly related to the teaching and learning process. At first, a bibliographic and documentary review and an exploratory study were carried out at the Institution. Afterwards, a semi-structured interview was conducted with the University Internship Coordination manager, with supervisors/trainees as well as with the interns. The treatment of these data was performed through the content analysis. It was considered that despite the gaps, this experience contributes to the Institution, to the permanence of the student in the Pedagogy course and to his/her training, especially in the areas of management and research, also linked to teaching.

Keywords: Pedagogy. Internship. Educational Management.



Introdução

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia (DCNP), definidas por meio da Resolução do CNE/CP N° 1, de 15 de maio de 2006, previram a integralização de 300 (trezentas) horas de Estágio Curricular, a ser desenvolvido sob a modalidade de estágio obrigatório. Desenvolvido ao longo do curso, este deve assegurar aos graduandos experiência de exercício profissional em ambientes escolares e não-escolares, que ampliem e fortaleçam atitudes éticas, conhecimentos e competências:

a) na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, prioritariamente; b) nas disciplinas pedagógicas dos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal; c) na Educação Profissional na área de serviços e de apoio escolar; d) na Educação de Jovens e Adultos; e) **na participação em atividades da gestão de processos educativos, no planejamento, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação de atividades e projetos educativos; f) em reuniões de formação pedagógica.** (BRASIL, 2006, grifo nosso).

Nesse sentido, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de graduação em Pedagogia, Licenciatura, do Centro de Educação (CE), *Campus I* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), através da Resolução CONSEPE/UFPB N° 64, de 25 de outubro de 2006, definiu não apenas a docência como campo de atuação profissional, mas também a gestão educacional e a produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico do campo educacional.

Apesar de prever um campo amplo de atuação para além da sala de aula, a composição curricular do curso reserva, dentre suas 3.210 horas totais, apenas 60 horas de estágio em área diferente a do Magistério. Quanto às áreas de aprofundamento, o PPC de Pedagogia prevê apenas duas: Magistério de Jovens e Adultos e Magistério da Educação Especial.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Para Munhós (2007), considerando os cursos de Pedagogia por ele analisados¹, há uma preocupação em definir um aprofundamento profissional prioritário na área da docência, secundarizando a formação do gestor dos processos educativos e do pesquisador em educação e ensino, que são também funções indispensáveis à formação do educador e, conseqüentemente, do pedagogo.

Entretanto, opcionalmente à vivência do estágio obrigatório, estudantes dos cursos de Graduação podem complementar sua formação por meio da experiência do estágio na modalidade não obrigatório, quando instituições/empresas contratam e remuneram estudantes para desenvolver atividades em seu ambiente de trabalho (BRASIL, 2008).

No contexto institucional da UFPB, o estágio não obrigatório se constitui em atividade complementar à formação acadêmico-profissional, compatível com o horário acadêmico, podendo este ser considerado como um componente curricular obrigatório, optativo ou flexível (UFPB, 2015). No curso de Pedagogia da UFPB/*Campus I*, o aproveitamento dessa experiência para fins de integralização curricular poderá ocorrer mediante aprovação do Colegiado do Curso.

Quanto à realização do Estágio não obrigatório, desenvolvido na própria Instituição, denominado de bolsa-estágio, a UFPB contrata estudantes para atuarem como estagiários em seus diversos ambientes de trabalho, concedendo compulsoriamente bolsa e auxílio-transporte, que totalizam R\$ 496,00 (quatrocentos e noventa e seis reais) para uma carga horária de 20 (vinte) horas semanais.

Diante de uma possível lacuna na formação do pedagogo, pressupomos que, de alguma forma, esta pode ser minimizada por meio do estágio não obrigatório, uma vez que esta atividade, nos cursos de formação de professores, visa à aproximação da

¹ Os cursos de Pedagogia analisados foram os da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC).



realidade e à consequente reflexão teórica e ao aprofundamento em direção à prática-teoria-prática recriada (PICONEZ, 2012), tomando como eixo, dessa experiência formativa, a integração da teoria-prática.

Portanto, este artigo, que constitui um recorte dos resultados da dissertação desenvolvida no Mestrado Profissional em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior (MPPGAV), vinculado ao Centro de Educação/UFPB, objetiva: analisar as contribuições do estágio não obrigatório realizado em uma área de atuação diferente à da sala de aula na UFPB/*Campus I* para a formação de estudantes de Pedagogia dessa Universidade.

Metodologia

A pesquisa foi iniciada por uma revisão bibliográfica sobre estágio e formação do pedagogo com foco em áreas de atuação diferentes à da sala de aula, seguida de uma análise das legislações que regulamentam o estágio e o curso de Pedagogia na UFPB e, também, por um estudo exploratório a partir das fontes documentais disponibilizadas na Coordenação de Estágio e Monitoria (CEM) da Universidade.

Em seguida, o trabalho empírico teve como foco os estagiários do curso de Pedagogia, *Campus I*, contemplados com o estágio não obrigatório e que realizassem atividades não diretamente relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem, bem como os seus respectivos supervisores e professores orientadores do estágio e a gestora da Coordenação de Estágio e Monitoria (CEM) da Pró-Reitoria de Graduação (PRG), pois consideramos que estes são atores estratégicos no processo do estágio em estudo.

Ao todo, foram entrevistados 17 (dezessete) sujeitos, sendo uma gestora (Servidora/Docente da área da Educação), duas supervisoras (Servidoras/Pedagogas), quatro orientadores (Servidores/Docentes da área da Educação) e 10 (dez) estagiários, vinculados a cinco locais de estágio (unidades concedentes), conforme quadro a seguir:



Quadro 1 – SUJEITOS ENTREVISTADOS NA PESQUISA

Gestor	Supervisor e Orientador	Estagiário	Local de estágio (Setor/projeto ²)	Unidade concedente
Gestora da CEM/PRG	Orientador CE	Estagiário 1-CE	Setor da Direção de Centro	Centro de Educação (CE)
		Estagiária 2-CE	Setor do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero	
	Supervisora PRG Orientadora PRG	Estagiária 3-PRG	Setor da Coordenação de Estágio e Monitoria	Pró-Reitoria de Graduação (PRG)
		Estagiária 4-PRG	Setor da Coordenação de Currículos e Programas	
		Estagiária 5-PRG	Setor da Coordenação de Escolaridade	
	Supervisora CCS	Estagiária 6-CCS	Setor da Direção de Ensino da Escola Técnica de Saúde	Centro de Ciências da Saúde (CCS)
	Orientadora CPA	Estagiária 7-CPA	Projeto de Avaliação das Políticas Acadêmicas	Comissão Própria de Avaliação (CPA)
		Estagiária 8-CPA	Projeto de Avaliação da Infraestrutura Física	
	Orientadora CIA	Estagiária 9-CIA	Projeto Grupo de Trabalho Empoderar para Crescer	Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA)
		Estagiária 10-CIA	Projeto Grupo de Trabalho Acessibilidade Pedagógica	

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Com todos os sujeitos, foi realizada uma entrevista semiestruturada, por meio de três roteiros diferentes: um para a gestora da CEM/PRG; um para os supervisores/orientadores e outro para os estagiários.

Em seguida, procedemos com a análise de conteúdo das entrevistas, sob a perspectiva de Bardin (1979), em que nos debruçamos, conforme a seguir, sobre a categoria de análise referente às contribuições do estágio.

Resultados e discussão

Na visão da gestora da CEM/PRG e de uma orientadora quanto à compreensão da bolsa-estágio, ressalta-se que essa experiência na UFPB ainda não é

² Embora as cinco unidades concedentes pertençam a mesma Universidade, passaremos a nos referir por “Setor” os estágios realizados no CE, na PRG e no CCS, já que as atividades são desenvolvidas em setores administrativos; ao passo que nomeamos “Projeto” os estágios realizados na CPA e na CIA, pois estes desenvolvem as atividades de estágio através de projetos de pesquisa.



institucionalizada como um programa acadêmico. E também que essa contratação na Instituição justifica-se para suprir suas necessidades de pessoal. Por isso, acaba oferecendo uma diversidade de oportunidades de estágios em seus diferentes setores para estudantes de diversos cursos:

A bolsa-estágio na UFPB não está ainda formalizada como um programa acadêmico, mas é uma iniciativa extremamente importante, porque dentro da própria Instituição onde o aluno estuda ele pode ter o seu campo de atuação, podendo começar a atuar e fazer atividades relacionadas ao seu curso (Gestora da CEM/PRG).

O CIA hoje não funcionaria sem os estagiários, não só porque temos uma quantidade insuficiente de servidores, mas porque a multiplicidade de áreas que a gente atinge é muito ampla. Então como eu estou formando multiplicadores, e acho que o papel da bolsa-estágio aqui é esse, formar multiplicadores na compreensão do que seja inclusão (Orientadora CIA, grifo nosso).

Nesse contexto, além da contribuição para a Universidade, essa experiência também é percebida como uma colaboração para a permanência e o êxito escolar dos estagiários-bolsistas, segundo confirmam os entrevistados (gestora da CEM/PRG, supervisores/orientadores e estagiários), já que, além da formação no estágio, há também concessão de bolsa.

[...] se a UFPB, como unidade concedente de um estágio não obrigatório, dá essa possibilidade em termos financeiros, de assistência, de formação, então é extremamente importante, porque o estudante não tem que buscar só o estágio lá fora. Ele pode ter o estágio fora da universidade, e terá também a oportunidade de ter seu estágio aqui, já que a UFPB tem vários setores, atua em várias áreas, e essas áreas estão e podem estar relacionadas com o curso que ele está realizando (Gestora da CEM/PRG).

Penso que a bolsa-estágio é uma oportunidade crucial para os estudantes, de forma geral, independente do curso. Ele dá essa oportunidade para que o estudante possa adquirir conhecimento, experiência e, sendo remunerado, também uma quantia que vai ajudá-lo na sua subsistência acadêmica (Orientadora CPA).

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



[...] é uma ajuda com certeza, até porque é uma bolsa-estágio. [...] o estágio também vai nos preparando, cada vez que a gente tem que fazer um artigo, e isso vai enriquecendo você em termos de conhecimento, você vai aprendendo mais (Estagiária 8-CPA).

Vale salientar que, ainda quanto ao êxito escolar, entendemos que este é favorecido não apenas devido à ajuda financeira da bolsa, que contribui para a permanência do estudante na Universidade, mas também por esta experiência permitir um maior envolvimento e aprofundamento com as temáticas do curso. Dessa forma, o estágio contribui também para a conclusão do curso com maior qualidade, uma vez que neste processo o estudante tem a oportunidade de acompanhar o trabalho de profissionais da mesma área, supervisor e orientador, além de vivenciar a dinâmica de funcionamento de uma Instituição de Ensino.

Nesse sentido, percebemos que um dos objetivos do Estágio na UFPB, em alguma medida, está sendo contemplado, conforme previsto no artigo 66 da resolução do CONSEPE/UFPB Nº 16/2015:

I – Contribuir para a **qualidade** da formação acadêmica e profissional por meio da integração da teoria e prática e do desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao desempenho profissional qualificado [...] (UFPB, 2015, p.33, grifo nosso).

Também identificamos, a partir da fala de uma supervisora, que a experiência do estágio não obrigatório pode ser realizada mais cedo, quando comparado com a possibilidade de cursar estágio obrigatório:

O aluno geralmente vai para prática mais no final do curso. Então o estágio não obrigatório ele é um excelente espaço, porque ele permite que o aluno, desde o 2º período já vivencie o estágio, pois se fosse na perspectiva do obrigatório ele só iria ver mais no final do curso (Supervisora PRG).

Este relato é decorrente da recente aprovação do regulamento dos cursos



regulares de graduação na UFPB, por meio da Resolução CONSEPE/UFPB N°16/2015, que disciplinou como requisito para o estágio não obrigatório, no inciso III do artigo 66, a “comprovação de [...] que esteja cursando, no mínimo, o 2º período do curso, ou o período pré-estabelecido no Projeto Pedagógico do Curso”.

Em contrapartida, no atual PPC do curso de Pedagogia, *Campus I*, o primeiro estágio obrigatório é realizado somente a partir do 4º período do curso e, desenvolvido desta forma, segundo salienta Kenski (2012, p. 36), o estágio “traz em si uma expectativa de apoteose, de *gran finale*, no qual todos os problemas e deficiências apresentados durante o curso têm uma última chance de ser, pelo menos, discutidos”. Dessa forma, a autora pondera ainda que o estágio “não pode ser a panaceia que vai resolver todos os males ocorridos com os alunos durante a sua trajetória acadêmica” (KENSKI, 2012, p. 36).

Além disso, a partir da fala de um estagiário, percebemos que a experiência do estágio não obrigatório permite uma maior autonomia no desenvolvimento das suas atividades, quando comparado à experiência do estágio obrigatório, onde o estudante realiza apenas observações, conforme fragmento a seguir:

[...] No estágio obrigatório em gestão, a gente acompanha um diretor na escola, mas a gente não tem um poder de intervir e de fazer nada, a gente só observa. Aqui não, eu estou tendo a oportunidade de certa forma intervir, de fazer a ação, uma ação reflexiva. Então, no estágio obrigatório a gente só observa e intervir quase não intervém, porque os gestores não permitem, pois eles sempre ficam com um olhar de desconfiança. [...] E aqui no estágio não obrigatório não, é bem diferente, porque eu participo diretamente. É que nem eu falei, tem reuniões, onde eles acatam minhas decisões, onde eu posso mostrar meu ponto de vista e já não tenho tanto essa preocupação, que nem eu percebi na escola (Estagiário 1-CE).

Nesse sentido, tanto a possibilidade de o estudante realizar estágio mais cedo, como a maior autonomia permitida nas atividades do estágio não obrigatório, são fatores que o evidenciam como mais uma importante possibilidade de atividade



formativa, a ser realizada durante o percurso de formação dos estudantes de graduação. Nesta perspectiva, o estágio não obrigatório também foi relatado como um importante fator que contribuiu para estimular a continuidade dos estudos, tendo em vista o ingresso de um estagiário-bolsista na Pós-Graduação *stricto sensu*, conforme demonstrado na seguinte fala:

Ele era um estudante sonhando com o PIBIC, hoje é um estudante sonhando em concluir o mestrado, porque está aprovado na seleção de mestrado, na linha mais concorrida [...]. E o estágio com certeza contribuiu pra formação dele (Orientador CE).

Além de todas estas contribuições, evidenciadas anteriormente, especificamente no âmbito da formação do estudante de Pedagogia para as áreas da gestão e da pesquisa, passaremos a analisar, primeiramente, as percepções do estágio nos setores administrativos do CE, da PRG e do CCS para, posteriormente, analisarmos as percepções do estágio nos projetos de pesquisa da CPA e da CIA.

Quanto à contribuição do estágio do estudante de Pedagogia para a formação em áreas diferentes da sala de aula, a gestora da CEM/PRG entende que essa experiência é direcionada pelo próprio setor contratante e ocorre no próprio lócus onde o estagiário é inserido. A gestora da CEM/PRG inferiu que, como na Universidade, em todos os setores acadêmicos ou administrativos há a figura do gestor, entende-se que aí está também uma oportunidade de melhor formar o futuro Gestor através do estágio:

Vai depender do espaço onde ele está atuando como estagiário. A gestão na Universidade ela está em todos os setores, mesmo os setores pedagógicos você tem um gestor, sempre há um responsável. E esse aluno que vai ser ou que é estagiário, ele só tem a aprender, a ganhar, a ampliar os seus horizontes, porque ele tem que aprender a ser gestor também. Não há como dissociar isso. Então, no caso aqui da PRG [...] eles conviveram com a gestão, eles passaram por essa experiência. E eu acho que muitos aprenderam e acrescentaram muita coisa à futura vida profissional deles (Gestora da CEM/PRG).



Já quanto à percepção das supervisoras e dos estagiários no que concerne às contribuições do estágio para a formação do estudante de Pedagogia, sobretudo na área da gestão educacional, inferimos que eles percebem essa experiência como uma vivência que se constrói processualmente, como se percebe a seguir:

Para a gestão ela pôde vivenciar a parte burocrática, a parte administrativa em que você tem que analisar os procedimentos, papéis. Então a questão também do planejamento, da avaliação do que foi feito (Supervisora PRG).

Como ela está lá na direção de ensino, em que os processos eles são até mais na área de gestão [...] mesmo não participando diretamente de algumas coisas, mas ela está ali vendo a solução que está sendo dada, como agir, como enfrentar (Supervisora CCS).

[...] estou aprendendo com as dificuldades [...] a organização de eventos também. E na parte de gestão é você [...] ter a proatividade, você ir e tentar resolver as coisas. E também o relacionamento com as outras pessoas [...] no estágio você aprende realmente a lidar com vários conflitos, que às vezes são desnecessários, mas você tem que se acalmar, respirar fundo e conversar (Estagiária 2-CE).

Nesse sentido, o estágio permite a vivência de um ambiente real de trabalho que contribui para o desenvolvimento de habilidades e de conhecimentos necessários à futura atuação do pedagogo como possível gestor. Sobretudo quanto à capacidade de comunicação, de negociação, de planejamento, de avaliação, ou seja, de uma visão mais sistemática e global dos processos inerentes a uma instituição de ensino. Nessa perspectiva, Libâneo, Oliveira e Toschi (2012, p. 444) ressaltam que constituem desafios à competência de diretores, coordenadores pedagógicos e professores

[...] saber gerir e, frequentemente, conciliar interesses pessoais e coletivos, peculiaridades culturais e exigências universais da convivência humana; preocupar-se com as relações humanas e com os objetivos pedagógicos e sociais a atingir, estabelecer formas participativas e a eficiência nos procedimentos administrativos.



Também percebemos que a compreensão da gestão segundo uma perspectiva democrática e participativa e a sua vivência efetiva na prática do estágio podem possibilitar, ao estagiário, uma experiência enriquecedora à vivenciada no curso. E, mais que isso, permite mobilizar seus conhecimentos e saberes desenvolvidos tanto no curso quanto no estágio, conforme percebido no relato a seguir:

Uma das atividades do curso é discutir gestão. [...] e a gente tem tentado dialogar com um tipo de gestão, que é a democrática e participativa. [...] é essa ideia que nós tentamos passar para os nossos estagiários, a ideia de trabalhar na busca de uma gestão democrática para fortalecer a gestão como um elemento pedagógico. Um elemento que contribui para melhorar a qualidade da educação [...]. Então, o estagiário vivencia isso, desde a seleção e depois tentamos desenvolver essas ideias. Ele hoje é uma pessoa [...] que tem conhecimento da gestão, os trâmites dos processos dentro do CE para a Universidade. Mas, principalmente, uma ideia de tentar discutir gestão não apenas como um aspecto administrativo, mas como gestão pedagógica, das relações entre as pessoas, como forma de fortalecer as pessoas (Orientador CE).

Essa vivência no contexto de uma direção de Centro comprometida com o princípio da gestão democrática e da participação vai ao encontro do que Prado (2012, p. 71) evidenciou ao pesquisar uma equipe de professores do Estágio em Gestão, em que eles acreditam que “a formação do gestor não deve ser castradora, mas sim criativa e democrática”. Nesse sentido, questionaram “como falar em gestão democrática dos sistemas e das unidades escolares se no próprio Estágio em Gestão o trabalho não se pauta na coletividade e nos princípios democráticos?”.

No caso do estágio em tela, percebemos que o trabalho desenvolvido no Centro de Educação em alguma medida ancora-se no princípio da gestão democrática, conforme indica a fala do Orientador CE: “a gente tem tentado dialogar com um tipo de gestão, que é a democrática e participativa. [...] é essa ideia que nós tentamos passar para os nossos estagiários”, o que é confirmado por meio do relato do Estagiário 1-CE: “[...] tem



reuniões, onde eles acatam minhas decisões, onde eu posso mostrar meu ponto de vista e já não tenho tanto essa preocupação, que nem eu percebi na escola”.

Sobre a pertinência da efetivação de uma gestão democrática no âmbito educacional, Paro (2001, p. 52) afirma:

Por um lado, porque ela se situa no campo das relações sociais onde torna-se ilegítimo o tipo de relação que não seja de cooperação entre os envolvidos. Por outro, porque a característica essencial da gestão é a mediação para a concretização de fins; sendo seu fim a educação e tendo esta um necessário componente democrático, é preciso que exista a coerência entre o objetivo e a mediação que lhe possibilita a realização, posto que fins democráticos não podem ser alcançados de forma autoritária.

Vale ressaltar que, em conformidade com a Constituição Federal de 1988, a LDBEN também instituiu o princípio da gestão democrática, tanto na Educação Básica quanto na Educação Superior. Na Educação Básica, o artigo 3º estabeleceu que, dentre outros, “o ensino será ministrado com base no princípio da [...] gestão democrática do ensino público [...]” (BRASIL, 1996). Já o artigo 14 destaca que “os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades”, conforme os princípios da participação³, tanto dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola, quanto das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (BRASIL, 1996).

E, no âmbito da Educação Superior, o artigo 56 estabelece que “[...] as instituições públicas de educação superior obedecerão ao princípio da gestão democrática [...]” (BRASIL, 1996). Nesse sentido, a experiência com a gestão democrática e participativa, deve ser conquistada não apenas na vivência do curso e do

³ De acordo com Luck (2009, p. 141) a participação corresponde a um processo de mobilização e associação de pessoas para juntas produzirem algum resultado. Trata-se de um processo de dupla mão, uma vez que quem compartilha dá e recebe. Corresponde à antítese de tirar, tomar, explorar, exigir, impor. Só é possível quando se transcende a visão dualista e unilateral. Participar é contribuir para a decisão que conduz ao comprometimento pela ação correspondente. Pressupõe a criação de uma atmosfera de entendimento recíproco a respeito de objetivos e de novas perspectivas de ações para realizar esses objetivos. Substitui um clima de falta de confiança, suspeição e desmobilização.



estágio, mas nos diversos espaços de convivência acadêmica para se refletir fora dela, pois entendemos, como Paro (2001, p. 23), que “[...] o conceito de democracia não se apreende apenas no discurso, mas constrói-se na prática, com o constante exercício enquanto [sic] opção de vida, não como uma medida tópica que se aplica numa ou noutra ocasião”.

Diferentemente ao relatado pelo Orientador CE e Estagiário 1-CE, em que ambos narraram o exercício de uma gestão democrática e participativa no Centro de Educação, a Estagiária 6-CCS se ressentiu de uma experiência democrática na Direção de Ensino da Escola Técnica de Saúde:

Eu deveria participar mais do planejamento da ETS, porque eu acho que participo muito pouco, sou convidada muito pouco, [...] como eu aprendi na disciplina de gestão que a gente tem que participar do Projeto Político-Pedagógico. Essa é a proposta do PPP, todos têm que participar, da cozinha a todos. Das escolas que eu passei isso não acontece [...]. Então, geralmente isso não acontece, que é ensinado a gente no curso, pois deveriam participar todos, e não acontece. No estágio, isso meio que se repete (Estagiária 6-CCS).

Nesse sentido, mesmo a estagiária fazendo referência à discussão teórica realizada no curso sobre a gestão democrática e participativa, seu estágio não proporcionou tal experiência. Portanto, devemos ficar atentos a esta distorção, já que, conforme Pinto (2011, p. 95), “o contexto institucional em que ele atuará, muitas vezes, é o que mais determina sua ação pedagógica”.

Também salientamos que uma supervisora percebeu claramente a evolução dos estagiários e, por estarem inseridos em setores que contribuem com a gestão da Instituição, ao mesmo tempo em que vivenciam essa realidade, eles também aprendem como e quando podem contribuir para a melhoria da Instituição de Ensino, conforme descrito no seguinte relato:

[...] queria destacar que eu vi e [...] fiquei muito feliz com o crescimento profissional na perspectiva da sua autonomia. Quando



ela chegou ela era muito [...] dependente. Queria anotar cada passo-a-passo. Aí eu fui fazendo junto com ela, mostrando. E depois de um tempo ela ficou independente, conseguiu fazer com mais autonomia o que era demandado para ela (Supervisora PRG).

Portanto, nesse sentido, a supervisora e a estagiária também concordam que esta experiência facilitará sua futura inserção no mundo de trabalho na área da gestão educacional, aspecto evidenciado nos trechos a seguir:

[...] o aluno se insere no ambiente organizacional e aí ele vai aprender várias coisas [...]. Ele vai vendo, vivenciando uma prática de trabalho, e isso vai contribuir para sua formação quando ele for um profissional, se ele for atuar em alguma instituição pública ou mesmo privada ele vai levar essa experiência (Supervisora PRG).

[...] contribuiu na minha parte de pensar o grupo. A parte de pensar de que eu não estou sempre certa, eu tenho que abrir espaço para outras pessoas, o diálogo é importante. Estudar para ter subsídio para esse diálogo. Aprender a lidar com os professores [...]. Então a parte de gestão, é muito você se concentrar no que é melhor para o todo do que pensar na minoria [...]. Então, o estágio contribui muito em relação à gestão, até mesmo a área como professor. Eu sou consciente hoje em dia de chegar numa escola, seja num setor privado ou público, e conseguir me abrir para desenvolver um trabalho na área de gestão (Estagiária 3-PRG).

Os relatos citados vão ao encontro do que concluíram Silva e Teixeira (2013), que perceberam características nas experiências de estágio que influenciaram positivamente o desenvolvimento da adaptabilidade de carreira e a transição ao papel profissional. Assim como Lima et al. (2014), que apontaram o crescimento pessoal e profissional referido pelos estagiários como fundamentais para se sentirem capacitados a atuar como profissionais seguros e competentes.

Além disso, conforme a fala da Estagiária 3-PRG, em que foi relatado que “o estágio contribui muito em relação à gestão, até mesmo a área como professor”.



Percebemos que a estudante quis se referir à dimensão docente, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem a ser desenvolvido dentro da sala de aula. Nesse sentido, ressaltamos que, apesar de verificarmos no âmbito desta pesquisa a prevalência de aprendizagens relacionadas às áreas da gestão e da pesquisa, compreendemos que essas dimensões junto à docência no perfil do pedagogo são articuladas e, portanto, a formação/experiência em uma das dimensões inevitavelmente também contribuirá para as demais, conforme confirma o relato da orientadora a seguir:

Sinceramente, eu acho que nas três dimensões da Pedagogia [docência, gestão e pesquisa] [...] a pesquisa, mesmo que a gente não dê uma pesquisa específica, no sentido mais estrito, mas eles fazem levantamentos. [...] a pesquisa, pela observação que eles fazem, pela vivência, essa acontece o tempo todo. E a gestão é a vida daqui [...] a gente está administrando currículos e programas de todos os cursos da Universidade, que são aproximadamente 136 cursos e, todos os professores e os alunos, então eles estão vivenciando o tempo todo (Orientadora PRG).

Depois de esclarecida essa questão, passaremos a analisar, conforme nos propusemos anteriormente, as percepções do estágio nos projetos de pesquisa da CPA e da CIA. Inferimos que, mesmo quando o estágio se dá por meio de um projeto de pesquisa, contribuindo principalmente para a formação do futuro pedagogo como pesquisador, também há os momentos em que os estudantes se envolvem com sua gestão e, portanto, também contribui para a formação do pedagogo como gestor e, até, como docente para atuar no espaço de sala de aula.

Nesse sentido, as orientadoras ratificam a compreensão de que as três grandes dimensões do curso (docência, gestão e pesquisa) dialogam entre si e são, portanto, articuladas, conforme excertos apresentados a seguir:

Do gestor, especificamente, eu acredito que sim, porque nós aqui trabalhamos também com a questão de gestão. Nós somos gestão, a CPA é gestão, então embora eles estejam mais focados na pesquisa, mas por todo esse envolvimento que eles passam a ter com a CPA, pois não fica algo estanque ou separado, eles terminam por se



apropriar também de situações de gestão. Por exemplo, no seminário de Avaliação Institucional e Gestão Estratégica da UFPB, todos eles participaram da organização do evento (Orientadora CPA).

Eu não sei se eu consigo separar [...]. Mas os estagiários tiveram a oportunidade de vivenciar essa questão da gestão. Como a gente tem um intervalo no meio do semestre e o estágio continua, eles têm que vir prestar essas horas aqui, pois os setores acadêmicos não funcionam e o estágio não aconteceria. [...] tiveram que fazer todo esse serviço de gestão que a gente normalmente faz aqui no CIA. [...] de organização da rotina, de pensar ações estratégicas [...] para o segundo semestre. [...] nas avaliações, enfim. Teve uma visão do que é a gestão como um todo e não só dentro do projeto. Mas eu acredito que dentro próprio projeto, [...] quando o aluno tá envolvido ele consegue perceber onde é que estão os pontos falhos daquele projeto, os pontos falhos institucionais [...]. E no relatório do estágio que eles têm que apontar que contribuições que elas dariam se elas fossem gestoras pra mudar aquela situação, onde está o problema e como eles atuariam. [...] acredito que só pela vivência do projeto que é intensa, eles já conseguem sair com uma boa visão da gestão (Orientadora CIA).

Na perspectiva desse envolvimento com o projeto de pesquisa, é que as estagiárias da CPA e da CIA confirmam o relato anterior das suas respectivas orientadoras, conforme verificado nos seguintes relatos:

Existe sim contribuição, a questão da avaliação, do planejamento, de estar à frente, acredito que sim. Houve a época que no início do período, em cada campus, fizemos a apresentação do projeto aos “feras”, isso foi importante (Estagiária 7-CPA).

Sim, o estágio contribui, porque o gestor ele tem que saber tomar as decisões, ele tem que ser participativo, ele tem que ter a democracia. [...] Até mesmo se eu chegar a ser [...] gestora de algum ambiente escolar [...] é bem positivo essa participação, porque abre muito a nossa mente [...]. Então, a questão é mais essa mesmo, a tomada de decisões (Estagiária 9-CIA).

Nesse sentido, apesar de estarem focadas no estágio com a área da pesquisa, podemos perceber que além dessas experiências possibilitarem uma formação que



articula as dimensões gestão e pesquisa, também contribuem para a dimensão docente. E, em áreas específicas, como no caso da atuação no Magistério da Educação Especial, como por exemplo no trecho que se segue:

No caso do GT, ele proporciona que o estagiário tenha uma visão mais ampla do que seja a estrutura da UFPB. Quais são as dificuldades de um estudante com deficiência, de um estudante apoiador de um estudante com deficiência, [...] e dos próprios docentes, porque temos uma investigação junto aos docentes do que eles precisam em termos de adaptação pedagógica. Já no caso do empoderar [...] eu acredito que essa vivência mostra para o aluno quais são as potencialidades que aquela pessoa com deficiência intelectual tem, mais do que as limitações, e fornece uma linha de trabalho que eu acho que seria bem diferente em relação ao que se fosse com outro público (Orientadora CIA).

E, nessa perspectiva, os estagiários do curso de Pedagogia que atuam em setores administrativos da Universidade também percebem que essa experiência contribuirá também para sua futura atuação em ambiente escolar, seja dentro da sala de aula ou mesmo fora dela.

[...] no estágio a gente aprende muita coisa em relação interpessoal, lidar com isso dentro da sala de aula, lidar com isso como gestora de uma escola, lidar numa coordenação. [...] no estágio a gente aprende a como lidar se a gente for pra dentro de uma sala de aula. Essa relação, porque tem que ser tratado de formas iguais, a gente tem que olhar para todos, e a gente aprende isso no estágio pela CPA (Estagiária 8-CPA).

Em consonância com o que defende Libâneo (2001, p. 6), essa compreensão do estágio reforça que a Pedagogia “se ocupa, de fato, com a formação escolar de crianças, mas, antes disso, ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante” e que, portanto, “não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas⁴”. Dessa forma, também, entendem Pimenta e Lima (2012, p. 154):

⁴ “Há uma diversidade de práticas educativas na sociedade e, em todas elas, desde que se configurem como intencionais, está presente a ação pedagógica” (LIBÂNEO, 2001, p.12).

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



A pedagogia, como campo teórico da prática educacional que não se restringe à didática da sala de aula nos espaços escolares, mas está presente nas ações educativas da sociedade em geral, possibilita que as instituições e os profissionais cuja atividade está permeada de ações pedagógicas se apropriem criticamente da cultura pedagógica a fim de compreender e alargar a visão das situações concretas nas quais realizam seu trabalho, de modo que nelas imprimam a direção de sentido, a orientação político-social que valorizam, para transformar a realidade.

Caso contrário, a ideia de conceber o curso de Pedagogia apenas como formação de professores, na visão de Libâneo (2001), seria muito simplista e reducionista, digamos, uma ideia de senso comum a ser superada.

Apesar dessa importante percepção da articulação entre as diferentes áreas de atuação do pedagogo, ficou evidenciado que o curso secundariza a formação do gestor e do pesquisador. Nesse contexto, as estudantes reforçam ainda mais a importância de participar desse estágio, principalmente para a tomada de decisões quanto ao seu itinerário formativo e suas futuras pretensões de atuação no mercado de trabalho.

[...] na verdade, eu ainda nem me decidi se eu quero estar numa sala de aula, e esse estágio tem servido justamente pra confrontar isso pra mim [...]. A experiência de estar em sala de aula é maravilhosa, é gratificante, tem um monte de coisa. Mas a da gestão é uma coisa que eu me identifico, porque eu já trabalhei na área, eu gosto dessa parte prática de lidar com, ao mesmo tempo que você trata de relações humanas mas você trata com o burocrático. Com o gerir, com o mediar, de manter relações equilibradas, então eu gosto disso. Esse estágio serviu, serve ainda, para que eu possa tomar minha decisão, se eu vou ficar ou não nessa área de gestão (Estagiária 5-PRG).

[...] no curso, eles nos ensinam a ir muito só a sala de aula, então aqui eu estou vendo esse outro lado de gestão [...] há muita gente, fora do curso de Pedagogia, comentando que acha que seremos somente professoras. [...]. Eu acredito que com certeza eu vou ter a minha chance de estar na sala de aula, que vai ser [...] o que mais abre de oportunidade [...]. É muito difícil pra você chegar na gestão, você precisa estar na sala de aula, é o que eu vejo nas escolas [...]. Então, eu venho percebendo no meu caminhar, que não só a bolsa-estágio que estou fazendo, como a disciplina e o estágio em gestão, o quanto que está me ajudando a entender os dois lados que existe



(Estagiária 6-CCS, grifo nosso).

[...] foi através do estágio na CPA eu aprendi a ter um olhar diferenciado, pois a gente aprende dentro do curso de Pedagogia a ser professor, em atuar em sala de aula. A parte gestora, supervisora, coordenadora, ele deixa a desejar um pouco, porque a gente vê pouca coisa sobre isso. A gente aprende isso nas especializações ou nesses projetos [...] Então ele me deu um novo olhar [...]. Como agir como supervisor, o que é que uma coordenadora faz, qual o papel dela dentro de uma escola. [...] porque se eu fosse esperar só o curso você não consegue, não é o suficiente. Portanto, o estágio também vai nos preparando, cada vez que a gente tem que fazer um artigo, e isso vai enriquecendo você em termos de conhecimento, você vai aprendendo mais (Estagiária 8-CPA, grifo nosso).

No que concerne a essa identificação com diferentes campos de atuação do pedagogo, ao questionarmos os estagiários sobre com qual área da Pedagogia eles mais se identificam e que pretendem atuar, embora saibamos que as dimensões do pedagogo são indissociáveis, a maioria relatou que, após ou durante a experiência do estágio, mais se identificaram e pretendem atuar na gestão:

Eu ia muito para docência, muito, mas eu criei mesmo um gosto pelo Pedagogo-Gestor. [...] a burocracia é chata, mas ela existe por um motivo, e o motivo dela é manter as coisas em ordem, para que as coisas funcionem, [...] ter um padrão. Esse padrão precisa de alguém. [...]. Então, depois da bolsa-estágio eu me identifico mais pela gestão do que pela docência. Para trabalhar, eu prefiro exercer a gestão (Estagiária 3-PRG).

[...] não tenho experiência alguma com pesquisa. [...] mas acho que a pesquisa não seria minha praia. [...] estou tendo o estágio de sala de aula e estou amando. E também gosto muito da parte da gestão, porque quando eu trabalhava no comércio era na parte de administração [...] Então eu sempre gostei dessa parte burocrática [...]. Mas [...] a partir das minhas experiências até aqui, eu me identifico mais com gestão do que com docência. [...] e se fosse pra escolher a área de atuação, eu queria continuar com certeza na gestão. (Estagiária 6-CCS).



Em seguida, os estagiários relataram que mais se identificaram e pretendem atuar na docência, ficando a pesquisa como última opção:

[...] primeiro lugar a docência, porque foi o motivo a qual eu entrei no curso, sempre fui apaixonada por sala de aula. E a pesquisa porque Pedagogia Hospitalar é algo novo, então é algo que eu quero expandir futuramente. E em terceiro a gestão, [...] que é algo que estou gostando. Pretendo em primeiro lugar ainda é a docência. (Estagiária 7-CPA).

Entretanto, dentre os estagiários entrevistados, um deles relatou se identificar com as três dimensões, mas que pretende atuar na pesquisa, conforme a seguir.

[...] eu particularmente almejo um mestrado, então eu quero pesquisa. Portanto, pretendo ser pesquisadora. Entretanto, as três para mim me complementam, amo as três áreas, me identifico com as três. Então, o estágio contribui para essas opções, porque a CPA todo dia é incentivador, porque a nossa orientadora, a nossa supervisora [...] sempre nos incentiva pra isso [...]. Então eu fui descobrindo e foi daí que eu peguei o amor de realmente querer partir para essa parte da pesquisa (Estagiária 8-CPA).

Por fim, também percebemos que a experiência do estágio obrigatório é recorrentemente relatada de modo que a realidade escolar da educação básica é colocada também como um importante fator a ser levado em consideração, notadamente quanto as suas identificações e pretensões:

[...] sempre quis ser professora, então meu sonho era ser professora, mas depois que eu vi a realidade, do curso, dos estágios, e se fosse pra escolher a área de atuação, eu queria continuar com certeza na gestão (Estagiária 6-CCS).

Gestão é bom, mas não é ótimo. Você atuar na prática a realidade dentro de uma escola ela não é ótima não. Porque você vai trabalhar com um corpo docente, que tem várias opiniões (Estagiária 8-CPA).

Portanto, nessa fase de aproximação, a prática profissional nos chama atenção de que mesmo confiando em si e no curso, o estagiário pode se impactar com um contexto controverso, em situações de desgaste, conflitos e desilusão dos profissionais da



educação, pois “essa profissão situa-se na contradição do discurso da valorização do magistério e das políticas de educação que normatizam inovações sem levar em conta as relações de trabalho dos professores” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 65).

Nesse sentido, percebemos que todas as experiências vividas pelos estagiários, sejam antes ou durante a vivência do curso, influenciam, em alguma medida, na tomada de decisão sobre seus itinerários formativos e nas suas pretensões profissionais futuras. O curso, o estágio, as aprendizagens das disciplinas, experiências e vivências dentro e fora da universidade influenciam o percurso formativo e profissional do profissional da educação (PIMENTA; LIMA, 2012). E, nesse contexto, está a vivência da bolsa-estágio que, em diálogo com as demais experiências, também contribui para consolidar suas opções ou mesmo para comparar com outras possibilidades de atuação profissional.

A seguir, apresentamos um quadro-resumo (Quadro 2) quanto às contribuições da bolsa-estágio, a partir da percepção da gestora da CEM/PRG, das supervisoras e orientadores, bem como dos estagiários.

Quadro 2 – Síntese das contribuições da bolsa-estágio

Contribuições	Gestora da CEM/PRG	Supervisor/Orientador	Estagiários
Melhor formação na área da gestão a partir da vivência com gestores na Universidade.	x	x	x
Permanência e êxito escolar do estagiário-bolsista.	x	x	x
Supre necessidade de pessoal para a UFPB.	x	x	
Facilita a futura inserção no mercado de trabalho.		x	x
Articula dimensões da docência, da gestão e da pesquisa.		x	x
Realização de estágio mais cedo, a partir do 2º período.		x	
Estimula a continuidade dos estudos na Pós-Graduação.		x	
Maior autonomia na realização das atividades do estágio.			x
Melhor formação nas áreas secundarizadas no curso, a gestão e a pesquisa.			x
Facilita a tomada de decisões quanto ao seu itinerário formativo e suas pretensões de atuação.			x

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Foi unânime, entre os entrevistados, a percepção de que a experiência do estágio



contribui para a permanência e o êxito escolar dos estagiários-bolsistas, propiciando, a partir da vivência com a administração na Universidade, uma melhor formação na área da gestão. Além dos estudantes, a própria unidade concedente do estágio, setor/projeto da UFPB, foi contemplada com contribuições, pois a gestora da CEM/PRG e os supervisores/orientadores relataram o suprimento da necessidade de pessoal a partir das contratações de estagiários.

No cotidiano do estágio, as supervisoras, os orientadores e os estagiários, concordam que o estágio facilitará a inserção do estudante no mercado de trabalho, além de proporcionar a percepção da articulação entre as diferentes áreas de atuação do pedagogo: a docência, a gestão e a pesquisa.

Além disso, as supervisoras e os orientadores destacaram que a experiência do estágio não obrigatório possibilita o início das atividades de estágio mais cedo, ao compararem com o estágio obrigatório. E que estimula a continuidade dos estudos em nível de Pós-Graduação.

Apenas os estagiários perceberam, ao comparar com a experiência do estágio obrigatório, que o estágio não obrigatório permite uma maior autonomia na realização das atividades do estágio. Por fim, ao reconhecerem a formação do curso prioritária para a docência na sala de aula, também ressaltaram a importância da experiência da bolsa-estágio para as áreas secundarizadas em sua formação: a gestão e a pesquisa. Nesse contexto, salientaram ainda que a participação nessa modalidade de estágio facilita a tomada de decisões durante seu percurso formativo e suas pretensões de atuação profissional.

Considerações finais

Diante das discussões que tecemos ao longo de nosso texto, identificamos, a partir das falas dos sujeitos referenciadas, que a experiência do estágio não obrigatório

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



na UFPB contribui mutuamente para a Instituição, enquanto unidade concedente de estágio, e também para a permanência e a formação do estudante de Pedagogia, sobretudo quanto às áreas da gestão e da pesquisa, articulada também à docência.

Percebemos que o estudante de Pedagogia, com formação para atuar não apenas na docência da sala de aula, extrapola esse espaço físico e realiza estágio em diversos setores administrativos (CE, PRG e CCS) e em projetos acadêmicos (CPA e CIA) da Instituição. No âmbito dessa experiência, são desenvolvidas atividades não diretamente relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem e, portanto, que permite ao estagiário uma vivência diferenciada/complementar que o possibilita articular a docência às demais dimensões do curso: a gestão e a pesquisa no âmbito educacional.

Nesse sentido, destacamos a importância dessa vivência para os estagiários-bolsistas contemplados, uma vez que possibilita, sobretudo, preencher possíveis lacunas do curso de Pedagogia UFPB/Campus I em relação às áreas de atuação dos futuros pedagogos, em quaisquer âmbitos de atuação que venham a assumir: gestão, ensino ou pesquisa.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRASIL. **Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências. Brasília, DF, 2008.

_____. **Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006**. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, DF, 2006.

_____. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

KENSKI, Vani Moreira. A vivência escolar dos estagiários e a prática de pesquisa em estágios supervisionados. In: PICONEZ, Stela C. Bertholo (Coord.) et al. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 24. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p.153-176, 2001.

_____. OLIVEIRA, João Ferreira. TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, Tiago Cristiano de et al. Estágio curricular supervisionado: análise da experiência discente. **REBEn**. Brasília, 2014.

LUCK, Heloísa. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. São Paulo: Fundação Lemann, Editora Positivo, 2009.

MUNHÓS, Marcos Matozinhos. 2007. **LDB & Diretrizes Curriculares Nacionais: a formação em cursos de pedagogia**. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Fundação Educacional de Divinópolis, 2007.

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

PICONEZ, Stela C. Bertholo (Coord.) et al. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 24. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PINTO, Umberto de Andrade. **Pedagogia escolar: coordenação pedagógica e gestão educacional**. São Paulo: Cortez, 2011.

PRADO, Edna. **Estágio na licenciatura em pedagogia: gestão educacional**. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2012.

SILVA, Cláudia Sampaio Corrêa de; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Experiências de estágio: contribuições para a transição universidade-trabalho. **Paidéia**. Ribeirão Preto, Vol. 23, Nº. 54, 103-112, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). **Resolução CONSEPE Nº 16/2015**. Aprova o regulamento dos cursos regulares de graduação da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 2015.

_____. **Resolução CONSEPE Nº 64/2006**. Projeto Político-Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura, do Centro de Educação, *Campus I*, da

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 2006.

Sobre os Autores

Alan Leite Moreira

Mestre em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB (2017). Especialista em Metodologia do Ensino de Química pela Faculdade Integradas de Jacarepaguá (2011). Graduado no bacharelado em Farmácia pela UFPB (2013) e na Licenciatura em Química pela UFPB (2008). Membro do Grupo de Pesquisa Estágio, Ensino e Formação Docente da UFPB (2015-atual). Técnico em Assuntos Educacionais da UFPB (2014-atual) e Professor de Química da Rede Estadual de Ensino da Paraíba (2013-atual).

E-mail: alanpb@hotmail.com

Ana Paula Furtado Soares Pontes

Doutora (2012) e Mestre (2007) em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Especialista em Fundamentos da Educação pela UFPE (1989). Graduada em Pedagogia pela UFPE (1987). Professora da UFPB do Departamento de Habilitações Pedagógicas (2008-atual) e do Mestrado Profissional em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior (2015-atual).

E-mail: anaufpb@gmail.com

Recebido em: 17/04/2017

Aceito para publicação em: 15/05/2017